

# A pesquisa clínica em psicanálise

reflexões a partir de André Green

Luis Cláudio Figueiredo

**Resumo** As posições de André Green acerca da pesquisa clínica em psicanálise são o objeto deste trabalho. Green é apresentado como um intransigente defensor da psicanálise clínica e da modalidade de pesquisa que lhe é própria, em oposição ao que se convencionou chamar de “pesquisa empírica”.

**Palavras-chave** pesquisa clínica; pesquisa empírica; André Green.

**Luis Cláudio Figueiredo** é psicanalista, professor da PUCSP e da USP, autor de diversos artigos em revistas científicas e de livros, entre os quais *Bion em nove lições* (2011) e *Balint em sete lições* (2012), ambos pela editora Escuta.

## Apresentação

A contribuição de André Green para a renovação do pensamento psicanalítico, suas teorias e suas práticas, é relativamente bem conhecida, e certamente será objeto de muitos dos textos deste volume de *Percurso* dedicado ao autor recentemente falecido. Aqui enfocaremos um aspecto de sua “militância”: a defesa intransigente e frequentemente belicosa da psicanálise no campo da epistemologia e da metodologia da pesquisa clínica.

Antes mesmo de apresentarmos com algum detalhamento seus argumentos, tentemos sintetizar uma posição básica de Green com a qual concordamos integralmente. Para que haja *pesquisa psicanalítica* é preciso que haja um *psicanalista pesquisador* em uma *situação analisante* que opere como *condição, objeto e instrumento* de pesquisa, e da qual o analista faz parte, submetido a certas regras e imerso em certa condição especial de funcionamento psíquico.

Nossa exposição vai se apoiar fundamentalmente na leitura de três textos de A. Green<sup>1</sup> reunidos em um volume publicado pelos Sandler e Rosemary Davies<sup>2</sup> acerca das controvérsias que opuseram Green a R. Wallerstein e D. Stern em torno das questões das pesquisas em psicanálise. Não faremos, contudo, um resumo de cada texto; ao contrário, procuramos organizar os argumentos e proposições de André Green em dezoito itens concebidos a partir da leitura do conjunto do material examinado.

1 A. Green, “What kind of research for psychoanalysis?”; “Response to Robert Wallerstein”; “Science and science fiction in infant research” in J. Sandler *et alii*. *Clinical and Observational psychoanalytic research: roots of a controversy*.

2 J. Sandler *et alii*. *op.cit.*



*A distinção,  
atualmente praticada,  
entre pesquisa empírica  
e pesquisa clínica  
traz consigo a suposição  
absolutamente equivocada  
de que a pesquisa clínica  
seria menos empírica  
que a outra*

134

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

### A pesquisa clínica em psicanálise

1. A psicanálise também é, segundo Freud, um saber empírico, em contraposição ao puramente conceitual e especulativo – próprio à filosofia. Assim sendo, a oposição entre “pesquisa empírica” e “pesquisa clínica” não parece bem colocada. A chamada “pesquisa empírica” – tal como praticada por Stern, Fonagy, Emde e alguns outros – deveria ser chamada de “pesquisa observacional e experimental”. A distinção, atualmente praticada, entre pesquisa empírica e pesquisa clínica traz consigo a suposição absolutamente equivocada de que a pesquisa clínica seria menos empírica que a outra. Aliás, a distinção entre pesquisa clínica e pesquisa conceitual<sup>3</sup> igualmente sugere que a pesquisa clínica em psicanálise não seja também uma pesquisa conceitual, mas a esta outra questão nos dedicaremos em outro trabalho<sup>4</sup>.

A diferença entre pesquisa clínica e a dita pesquisa empírica – observacional e experimental – é de ordem metodológica, já que para todos os pesquisadores em confronto alguma

experiência está na base dos conceitos e teorias. Desta forma, inclusive, alguma possibilidade de cooperação entre os métodos não deveria ser descartada, o que é inclusive afirmado por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, do que nos lembra Ricardo Steiner na *Introdução* ao volume sobre as controvérsias entre os pesquisadores. Esta posição reaparece, por exemplo, no comentário de Irma B. Pick ao debate entre Stern e Green<sup>5</sup>, onde se vê, porém, que para que os resultados das pesquisas observacionais e experimentais sejam úteis à psicanálise é preciso que sejam lidos e interpretados pelo psicanalista que se sustente em sua posição e opere no “estado especial de mente” que lhe é próprio.

2. Contudo, esta é a base de toda a argumentação, a base empírica da psicanálise é a própria prática psicanalítica em uma situação analisante complexa que inclui paciente e analista em um enquadre específico, e não um objeto a ser observado “de fora” e manipulado experimentalmente.

3. Na observação externa e na manipulação experimental, o pesquisador atua com sua consciência e vontade sob controle metódico (é o “sujeito soberano do saber”), e tem acesso aos comportamentos e interações visíveis e audíveis de seus objetos (bebê e mãe, por exemplo, mas também analista e paciente), eles igualmente concebidos em termos de seres conscientes e, no máximo, com alguma dimensão pré-consciente.

4. Já na prática analítica na situação analisante, o analista participa com seu inconsciente procurando sintonizá-lo ao inconsciente do paciente; vale dizer, o campo de “observação” clínica psicanalítica compõe-se das dimensões inconscientes de ambos os participantes. Tanto Green quanto mais ainda C. Bollas<sup>6</sup> em outro contexto nos recordam insistentemente da recepção inconsciente do inconsciente, tal como postulada

3 U. Dreher, “What does conceptual research have to offer?”, in Leuzinger-Boehleber, Dreher and Canestri (orgs.). *Pluralism and unity*.

4 L. C. Figueiredo, A especificidade da pesquisa clínica com o método psicanalítico na situação analisante.

5 I. B. Pick, “Discussion III”, in Sandler et alii, *op. cit.*

6 C. Bollas, *The Freudian moment*.

por Freud, quando sublinha a comunicação entre inconscientes como indispensável ao trabalho da psicanálise. Talvez fosse mais correto falarmos em comunicações entre pré-conscientes, mas, de qualquer modo, uma sintonia entre inconscientes é claramente suposta por Freud e tal suposição é plenamente aceita por Green e Bollas.

5. Embora as dimensões inconscientes dos participantes se manifestem no plano intersubjetivo, como nos processos transferenciais e contra-transferenciais, pertencem ao plano intrapsíquico que inclui, de acordo com nossas teorias, pulsões, afetos, representações recalçadas, cisões, fantasias, desejos, mecanismos de defesa e resistências, etc. Apenas uma parte desse conjunto, e mesmo assim de forma bastante disfarçada e irreconhecível, se revelaria às consciências do paciente e do analista, o que exige *interpretação*. Vale dizer, a “observação” em análise não produz “evidências” e “fatos psicanalíticos” sem a mediação das interpretações conscientes do analista.

6. O acesso ao intrapsíquico e a possibilidade de criar saberes acerca dele requer, portanto, que o analista sustente um certo “estado especial de mente”, como a atenção flutuante, a disposição para o sonhar, o brincar e o trabalho do luto, ao que poderíamos acrescentar o trabalho de criação, em que se inscreve seu *poder metaforizante* a que voltaremos adiante, incompatível com a observação objetiva e a experimentação controlada. Ou seja, o “estado especial de mente” inclui – embora não se reduza a isso – uma entrega do analista aos seus processos inconscientes e uma renúncia ao controle pela consciência, como tão bem foi dito por Freud nos conselhos de 1912<sup>7</sup>.

7. Para esse acesso consciente ao que se dá além das consciências, o analista precisa ir além do “observável” e mesmo dos “fatos clínicos” captáveis em seu estado de mente especial (sem memória, sem desejo e compreensão prévia, em atenção flutuante e disposição para a rêverie e para a metáfora). Cria-se assim um fosso entre teoria e prática: é o momento especulativo

7 S. Freud, “Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico”.

»  
*um tal momento  
“ficcional” também está  
presente em qualquer  
outro ramo da ciência,  
quando o pesquisador,  
a partir de suas observações  
e experimentações controladas,  
constrói seus conceitos  
e suas teorias*

indispensável na produção dos saberes psicanalíticos, o que lhes dá um caráter *ficcional*. As teorias metapsicológicas têm um caráter de fantasia articulada e não descrevem a realidade psíquica. Não há, portanto, como refutá-las confrontando-as com a realidade psíquica acessada, supostamente, por meios mais objetivos (o que não quer dizer que não possam ser avaliados por sua eficácia clínica, o que daria ensejo a outro artigo).

8. Mas um tal momento “ficcional” também está presente em qualquer outro ramo da ciência, quando o pesquisador, a partir de suas observações e experimentações controladas, constrói seus conceitos e suas teorias. Muitas vezes os promotores das ditas pesquisas empíricas expressam-se como se o bom trabalho indutivo – acumulação de “dados da observação” – poupasse o pesquisador da necessidade do salto além da experiência para a formulação de conceitos e teorias. Além disso, tendem a ignorar que a simples transformação do dado sensorial em “fato científico” já pressupõe expectativas e hipóteses prévias que dão algum sentido aos elementos brutos



nessa construção  
mais ou menos especulativa,  
os cientistas recorrem,  
costumeiramente, a analogias  
em que algo supostamente  
conhecido serve de análogo  
para o que está sendo  
pesquisado e descoberto

da experiência. Observações e experimentos controlados sempre pressupõem uma antecipação da ordem a ser procurada, tal como toda a filosofia da ciência popperiana e pós-popperiana nos ensina desde a década de 30 do século passado.

9. Nessa construção mais ou menos especulativa, os cientistas recorrem, costumeiramente, a *analogias* em que algo supostamente conhecido serve de análogo para o que está sendo pesquisado e descoberto; ou seja, a ordem do, supostamente, “já conhecido” é projetada sobre o que está em vias de ser visto, reconhecido, conceituado e teorizado para que a mesma lógica, o mesmo *logos*, funcione nas fronteiras do conhecimento instituído, expandindo-o e, ao mesmo tempo, reduzindo o novo ao sistema geral. Certamente, o *Projeto para uma Psicologia* de 1895 foi elaborado em grande medida com o recurso às analogias.

10. Mas se um psicanalista na clínica operar desta maneira estará fazendo “psicanálise aplicada na clínica”, projetando o que as “teorias ensinam” e o que os conceitos antecipam ao material que surge na situação analisante. Essa seria uma

típica situação de *escuta saturada* (Bion), contrária à psicanálise e à pesquisa psicanalítica. Nessa situação, confunde-se uma regularidade projetada a partir da teoria com uma regularidade descoberta, emergente a partir do “fato selecionado” (Bion), conforme observaram Britton e Steiner em texto de 1994<sup>8</sup>. A “ideia superestimada”, tal como mencionada pelos autores, a que substitui o fato selecionado na situação analisante, seria a da teoria convertida em doutrina: enquanto teoria, abre-se para o novo e para a descoberta; enquanto doutrina, fecha-se narcisicamente para a confirmação do já sabido<sup>9</sup>.

11. Mas, indo ainda mais fundo nesta argumentação, a própria construção de conceitos e teorias em psicanálise deve mais às operações metafóricas do que às analógicas. Talvez esta seja a questão mais importante no terceiro texto de Green: a diferença entre analogia e metáfora e a ligação profunda entre metáfora, funcionamento psíquico e psicanálise<sup>10</sup>.

12. Pensemos, em primeiro lugar, na profunda relação entre metáforas e transferências: a transferência sobre a palavra e, apoiada nesta, a transferência sobre o objeto estão na raiz dos processos metafóricos no inconsciente e nas passagens do inconsciente para a consciência: a representação palavra acoplada à representação coisa é, essencialmente, metafórica, sendo portanto pela via da fala metaforizante que podemos começar a tomar consciência de algo. Por outro lado, o retorno da consciência aos processos inconscientes ocorre também pela via metaforizante. De fato, como observou Octavio Souza (comunicação pessoal) na leitura de uma primeira versão deste texto, o “caminho de volta já está garantido pelo próprio movimento metafórico”, já que nele ligam-se elementos pulsionais e simbólicos, construindo uma via de trânsito entre forças e sentido nas duas direções. Nesse

8 R. Britton *et al.*, “Interpretation: selected fact or overvaluated idea”.

9 Cf. P. Fédida, “Topiques de la théorie”.

10 A. Green, “Science and science fiction in infant research”, in Sandler *et alii*, *op. cit.*, p. 61, 71.

ponto, autores tão díspares em seus estilos como Green e Fédida se aproximam<sup>11</sup>.

13. Pensemos também na profunda relação entre metáfora e metapsicologia: assinalemos a presença do trabalho do sonho na construção e no uso da ficção metapsicológica, e na imensa diferença entre tratar a ficção metapsicológica como analogia ou como matriz de metáforas, uma espécie de metametáfora. As analogias dão alguma inteligibilidade à experiência, antecipando e impondo uma ordem ao material, ao objeto da pesquisa; as metáforas facilitam as *transformações* do campo de experiências, no caso, o da situação analisante, sem pretender o acesso a uma verdade por correspondência. A verdade das metáforas é puramente transitiva e heurística e, por isso, ela pode se provar insuficiente e contraproducente sem se poder demonstrar que é propriamente errada<sup>12</sup>; aliás, em certo sentido, uma metáfora é sempre falsa, sem deixar por isso de produzir *efeitos de verdade*. Ao abrir o Navio Negroiro com os versos “Stamos em pleno mar, doudo no espaço brinca o luar, dourada borboleta”, Castro Alves não compete com a astronomia, a psiquiatria ou a entomologia, etc., e a verdade de suas metáforas apenas abre o campo do que pode ser experimentado, vivido e pensado, instaura um novo ângulo para ver a lua no céu noturno refletindo-se nas ondas.

14. Na fonte das metáforas psicanalíticas está a própria situação analisante em sentido estrito, bem como as outras experiências em que o analista opera com seu estado especial de mente. Aí se incluem as experiências com objetos culturais como obras de arte, leituras de textos ficcionais e poéticos, elementos da história, antropologia, sociologia etc. Não podemos nos esquecer dos encontros do analista com as teorias da psicanálise, que vão muito além do que uma noção estreita de ensino e aprendizagem pode apreender. Em todas essas condições ele é afetado por seus “parceiros” nos planos inconsciente e consciente.

11 Cf. Fédida, *op. cit.*

12 Já foi dito que uma metáfora errada é tão impossível quanto uma piada sem graça.

»  
*mais profundamente ainda,  
podemos dizer que  
na origem das nossas metáforas  
estão as fantasias provocadas  
e evocadas no analista na e  
pela situação analisante.  
Bion, com sua consideração  
do vínculo κ, mantém-se  
nessa mesma trajetória*

Mais profundamente ainda, podemos dizer que na origem das nossas metáforas estão as *fantasias* provocadas e evocadas no analista na e pela situação analisante, tal como as fantasias sexuais (e agressivas, as fantasias de controle e penetração) estão, no caso das crianças, nas origens de suas “pulsões de saber” e “de ver”, as chamadas, por Melanie Klein, de pulsões epistemofílicas. Bion, com sua consideração do vínculo κ, mantém-se nessa mesma trajetória, ajudando-nos a pensar psicanaliticamente a problemática da pesquisa e do conhecimento em psicanálise. Não há conhecimento sem Eros e sem Thanatos, embora o excesso de L (amor) e H (ódio) comprometa o vínculo κ (conhecimento), para falarmos nos termos de W. Bion. Nos termos de Freud, o que está em jogo é o poder e o alcance dos processos sublimatórios, como se mostra no texto sobre Leonardo.

Com isso, entre outras coisas, recuperamos os fortes elos entre a pesquisa em psicanálise e a brincadeira e os jogos infantis. Os projetos de cientificidade para os saberes psicanalíticos talvez



*a homogenia entre  
os diversos níveis  
dos saberes psicanalíticos,  
desde os mais próximos  
a cada sessão  
em suas singularidades  
até os mais abstratos  
e universalistas, como  
os dos discursos  
metapsicológicos*

138

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

não passem de tentativas de apagamento (recalque) destas origens que ligam a pesquisa com as esferas dos prazeres.

15. Já na ficcionalização inerente à construção de qualquer conhecimento teórico, os pretensos “cientistas da psicanálise” tendem à “ficção científica”, empobrecida, nas ácidas palavras de Green sobre a obra de Stern, mesmo que tenham como base observações muito bem fundadas e corretamente obtidas; hoje, também o *Projeto* de 1895, apesar das antecipações que nele muitos leitores reconhecem, nos parece mais da ordem de uma ficção científica pseudoneurológica, o que não se dá, por exemplo, com a metapsicologia que se constrói no capítulo 7 de *A Interpretação dos Sonhos*.

16. Convém, para finalizar, assinalar novamente as relações entre as metáforas e outros processos psíquicos de mediação, os processos terciários, nas palavras de Green, como o sonho, o chiste, a poesia e a interpretação psicanalítica, por exemplo. O termo foi criado pelo autor para se referir justamente aos trânsitos entre regiões

submetidas a lógicas distintas, como é o caso dos processos primários e processos secundários. Nesses processos terciários, os processos secundários em constituição ficam mais expostos e vulneráveis à emergência dos processos primários (e vice-versa). Ou seja, os inconscientes (representacional recalcado, pulsional e processual) chegam perto da superfície nos processos terciários, sejam eles as metáforas interpretativas, sejam eles suas matrizes ficcionais metapsicológicas.

17. Assinalemos, assim, a homogenia entre os diversos níveis dos saberes psicanalíticos, desde os mais próximos a cada sessão em suas singularidades até os mais abstratos e universalistas, como os dos discursos metapsicológicos, o que seria perdido se tomássemos os discursos metapsicológicos como analogias racionalizantes e não como metametáforicos. Em que pese sua feição conceitual e abstrata, são metafóricos e devem nos ajudar, na clínica, como matrizes de outras metáforas eficazes na cura e na “pesquisa”. Tratá-los, como muitas vezes fazem os filósofos, como sistemas conceituais tendencialmente “matemáticos”, no sentido amplo do termo, significa ignorar seu estatuto, suas origens e suas implicações práticas, tema desenvolvido em outro trabalho<sup>13</sup>. Tal modo de conceber os discursos metapsicológicos e lidar com eles corresponde a uma operação de cisão e dissociação, o que lhe confere, aliás, um caráter de sintoma.

18. Finalmente, considerando o caráter metafórico dos saberes da psicanálise, mesmo quando se apresentam como sistemas de conceitos abstratos nos discursos metapsicológicos, fica clara a razão de Green não considerar a psicanálise uma ciência submetida à metodologia científica própria às ciências da natureza. Seja pelo viés indutivista – atualmente, bastante fácil de ser descartado – seja pelo viés de uma lógica da investigação científica à la Popper, o modo de produção de conhecimento na clínica psicanalítica se revela intransigentemente refratário à metodologia das ciências naturais, sem deixar por isso de ser um saber empírico.

13 L. C. Figueiredo, *op. cit.*

Green nos ajuda e orienta na sustentação desta intransigência que, ao fim e ao cabo, diz respeito à afirmação do que é mais específico às nossas práticas e às nossas teorias.

Isso não descarta, porém, o interesse que o psicanalista possa ter em resultados de pesquisas nos mais diversos campos do conhecimento nas ciências sociais e nas ciências naturais. O comentário de Irma B. Pick<sup>14</sup> aos debates entre Green e Stern, por exemplo, nos traz o testemunho desta analista de orientação kleiniana: a partir de uma concordância básica com as ideias de Green, ela nos dá exemplos de como foi capaz de ler resultados de pesquisas observacionais e experimentais, com metodologia própria às ciências da natureza, interessar-se por eles e aproveitá-los, em sua clínica e em seus saberes psicanalíticos. Esta posição, menos beligerante que a expressa por André Green, mas não eclética, em relação às pesquisas observacionais e experimentais, recupera a proposta freudiana de cooperação entre métodos, tal como nos é lembrada por Ricardo Steiner. Contudo, revela-se neste texto de Irma Pick que o decisivo nesta articulação é que o modo de pensar do analista seja dominante em sua leitura crítica e em seu aproveitamento dos resultados de pesquisas observacionais e experimentais.

»  
*Irma Pick, a partir de uma concordância básica com as ideias de Green, nos dá exemplos de como foi capaz de ler resultados de pesquisas observacionais e experimentais, com metodologia própria às ciências da natureza, interessar-se por eles e aproveitá-los, em sua clínica e em seus saberes psicanalíticos*

Outros autores contemporâneos – como R. Roussillon – fazem o mesmo com os resultados das neurociências sem se afastar um milímetro da especificidade da psicanálise e da produção de conhecimento que lhe é própria.

14 I. Pick, “Discussion III” in Sandler *et alii*, *op. cit.*

**Referências bibliográficas**

- Bollas C. (2007). *The Freudian moment*. London: Karnac.
- Britton R.; Steiner J. (1994). Interpretation: selected fact or overvaluated idea, *International Journal of Psychoanalysis*.
- Dreher U. (2003). What does conceptual research have to offer? In Leuzinger-Boehleber, Dreher and Canestri (orgs.). *Pluralism and unity*. London: International Psychoanalytical Association, 2003.
- Fédida P. (1978). Topiques de la théorie. *L'Absence*. Paris: Gallimard.
- Figueiredo L. C. A especificidade da pesquisa clínica com o método psicanalítico na situação analisante. *TRIEB* (no prelo).
- Freud S. (1978) Consejos al medico sobre el tratamiento psicoanalítico. *Obras Completas XII*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green A. (2000). What kind of research for psychoanalysis? In: J. Sandler; A.-M. Sandler; R. Davies (orgs.). *Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy*. London: International Universities Press.
- \_\_\_\_\_. (2000a). Response to Robert Wallerstein. In: J. Sandler; A.-M. Sandler; R. Davies (orgs.). *Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy*. London: International Universities Press.
- \_\_\_\_\_. (2000b). Science and science fiction in infant research. In: J. Sandler; A.-M. Sandler; R. Davies (orgs.). *Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy*. London: International Universities Press.
- 140 Pick I. B. (2000). Discussion III. In: J. Sandler; A.-M. Sandler; R. Davies (orgs.). *Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy*. London: International Universities Press.

**Clinical research in psychoanalysis. thoughts based on André Green's ideas**

**Abstract** This paper discusses André Green's ideas about what "clinical research" is and is not. He was a firm defender of clinical Psychoanalysis and of its specific mode of research, and differentiated it quite sharply from what is usually considered as empirical research".

**Keywords** clinical research; empirical research, André Green.

**Recebido em:** outubro/2012.

**Aprovado em:** janeiro/2013.